

## A Empresa Privada no Poder

É extraordinário que a maior intolerância e os maiores medos em relação ao nosso presidente eleito, durante o período pré-eleitoral, tenham vindo dos mercados financeiros, simbolizados por Wall Street - meca do capitalismo mundial. Afinal de contas, é a primeira vez, na história dessa República, que são eleitos, tanto como presidente como vice, um empregado e um patrão.

Uma breve visão da sucessão presidencial, desde Getulio Vargas, mostra que, entre todos os que ocuparam os cargos, por eleição, direta ou não, simplesmente nenhum deles pode ser considerado como trabalhador, empregado ou patrão, em atividades que possam ser classificadas como de livre empresa ou mercado.

O militar Eurico Dutra teve, como vice, um político profissional, Nereu Ramos. O próprio Getulio, filho de militar, educado para a farda, formou-se advogado e foi exercer o cargo de promotor público por nomeação. Seu vice, Café Filho, foi advogado e político. Juscelino começou como profissional liberal, médico, e logo entrou para a política, e o vice, Jango, era advogado e fazendeiro. Janio foi professor, advogado e político. Depois de 64, em que pesem algumas indicações de juristas e políticos para a vice-presidência, todos os presidentes - claro - foram militares. Na nova república, o literato Sarney teve - e tem - seus negócios, como a maior parte da classe dominante do nordeste, mas dificilmente poderia ser classificado como empresário. Depois, veio Collor, filho de família abastada de políticos profissionais, que se formou - é fato - em economia e comunicação social - mas já aos 27 anos era nomeado prefeito de Maceió pela ditadura militar. O vice - e depois presidente - Itamar Franco, é engenheiro.

Fernando Henrique - tão criticado por suas políticas "neo-liberais" - jamais trabalhou numa empresa privada. Filho de militar, sua carreira fez-se na Universidade e em cargos públicos, a maioria eletivos. O vice, Marco Maciel, é outro advogado - e professor, além de político.

Foram, assim, 57 anos de primeiros executivos sem qualquer experiência ou compromisso com o trabalho produtivo das empresas privadas, que são as instituições responsáveis pela quase totalidade do PIB - principal indicador da riqueza nacional.

Já o nosso novo presidente, antes de dedicar-se ao sindicalismo, foi retirante e pobre, deu duro como empregado, e também atuou na economia informal. De acordo com sua biografia oficial, no site do PT, Lula vendeu amendoim, tapioca e laranja nas ruas. Conseguiu seu primeiro emprego numa tinturaria, aos 12 anos. Também foi engraxate e office-boy. Aos 14 anos, teve a carteira de trabalho assinada pela primeira vez nos Armazéns Gerais Colúmbia. Depois transferiu-se para a Fábrica de Parafusos Marte e obteve uma vaga no curso de torneiro mecânico do SENAI. De lá, foi para a metalúrgica Fris Moldu Car, onde perdeu o dedo mínimo, num acidente, enquanto fazia serão para defender mais algum. Não havia completado 19 anos. Em 66, ingressou nas Indústrias Villares, em São Bernado do Campo. Foi a partir daí que se tornou líder sindical e político.

Nosso vice, José Alencar, aos 7 anos, ensaiava os primeiros passos atrás do balcão da loja do pai. Aos 15, foi trabalhar como balconista em outra loja. Seu segundo emprego foi na "Casa Bonfim" e em pouco tempo é considerado o melhor vendedor. Iniciou o próprio negócio aos 18 anos. Foi vendedor viajante, dono de fábrica de macarrão, e em 1963 criou a primeira empresa que se tornaria a Companhia de Tecidos Norte de Minas, Coteminas - gigante do setor -, da qual é, hoje, o presidente, além de se ter feito senador pelo estado de Minas.

Mas o mais curioso é que, se tivesse ganho o PSDB - apoiado pelos liberais e, supostamente, pelos grandes capitalistas multinacionais - a empresa privada teria continuado longe do poder, por, pelo menos, mais quatro anos. José Serra estudou engenharia e é professor licenciado. Foi funcionário internacional, na CEPAL, e secretário de governo, antes de dedicar-se à política. A candidata a vice, Rita Camata chegou a ajudar os pais, em trabalhos agrícolas. Mas, depois de formar-se em jornalismo, foi basicamente dona-de-casa - certamente trabalho pesado, mas

não-competitivo, no mercado. Entrou para a política cuidando de obras sociais no seu Estado, como primeira-dama do marido governador, Gerson Camata.

Como se vê, portanto, o presidente e o vice-presidente da nação conhecem bem - nas qualidades e nas imperfeições - o sistema que, no Brasil, como em outras sociedades, transforma trabalho em progresso.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. A Empresa Privada no Poder. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, nov. 2002. Disponível em <http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=420&ID=120>. Acesso em: 5 mar. 2010.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais